



**UM OLHAR SOBRE ALGUNS ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS SOBRE A  
ESCOLA E SOBRE ALGUMAS FOTOS QUE PROMOVEM E ESTABELECEM  
O PRECONCEITO ÉTNICO/RACIAL**

**UMA MIRADA EM LOS ANÚNCIOS PUBLICITARIOS, A RESPECTO DE  
DELA ESCUELA E DE ALGUNAS FOTOS DE ESTABLECEN EL PREJUICIO  
ÉTNICO/RACIAL**

**Rejane Hauch Pinto Tristoni<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Proponho neste artigo a reflexão sobre meios que estabelecem e incentivam o preconceito étnico/racial e, dentre eles, alguns anúncios publicitários, a escola/ livros didáticos e o modelo de algumas bonecas disponíveis em lojas infantis. O objetivo desta reflexão é apresentar que fatos cotidianos, presentes na sociedade brasileira, contribuem para a valorização do branco em detrimento do negro. Fundamento minha reflexão em Hall (2005), Moita Lopes (2002), Signorini(1998), Pennycook(2010) e outros. Tais pesquisadores mostram que não existe uma única identidade, ela não é fixa, ao contrário disso, está em constante transformação e mudança, se constitui ao longo do tempo, por meio de momentos e de contextos como, por exemplo, os anúncios publicitários, as lojas infantis e a escola. Além disso, explicam que a identidade se constitui de uma estrutura social, ou seja, o social influencia a construção da identidade, possibilitando a formação do exterior e do interior do sujeito. Comento, em primeiro lugar, as fotos publicitárias. Em segundo lugar, escrevo sobre o papel da escola e, para isso, comento sobre os livros didáticos diante da construção de identidade. Em terceiro lugar, apresento as fotos de bonecas, fotografadas por mim, em lojas da cidade de Cascavel/PR e, por fim, traço as considerações finais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conflitos identitários; Preconceito; Estigmatização.

**RESUMEN:** Propongo en este trabajo reflexionar sobre las herramientas que establecen e incentivan o prejuicio étnico/racial y, entre ellos, algunos anuncios publicitarios, la escuela/ libros didáticos y el modelo de algunas muñecas disponibles en tiendas infantiles. El objetivo es presentar que hechos cotidianos, presentes en la sociedad brasileña, contribuyen para la valoración del blanco en detrimento del negro. Fundamento en Hall (2005), Moita Lopes (2002), Signorini(1998), Pennycook(2010) y otros. Estos investigadores afirman que no existe una única identidad, ella no es fija, y al contrario, está en constante transformación y cambio, se constituye a lo largo del tiempo, por medio de momentos y de contextos como, por ejemplo, los anuncios publicitarios, las tiendas infantiles y la escuela. Además, explican que la identidad se constituye de una estructura

<sup>1</sup> Acadêmica do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, nível Doutorado. [rejanetristoni@hotmail.com](mailto:rejanetristoni@hotmail.com)



social, o sea, lo social influencia la construcción de la identidad, posibilitando la formación del exterior y del interior del sujeto. Comento, en primer lugar, las fotos publicitarias. En segundo lugar, escribo a respecto del papel da escola y de los livros didáticos frente a la construcción de la identidad. En tercer lugar, presento las fotos de muñecas, y, por fin, siguen las consideraciones finales.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conflictos identitarios; Prejuicio; Estigmatización.

## Introdução

A sociedade estabelece meios eficazes de manipulação ideológica que fortalecem e aumentam o preconceito em relação ao negro. Tais meios valorizam a identidade do branco e, além de não valorizarem a identidade do negro, acabam inferiorizando-a. Dentre estes meios está a mídia, a escola, o comércio em geral e outros.

O preconceito étnico racial no Brasil parece ser o pior de todos, pois ele não é declarado, ao contrário, apesar de muitos discursos afirmarem que já não há preconceito no Brasil, ele existe e está muito bem velado, camuflado e, o que é pior, disfarçado. Entretanto esses discursos que consideram que não há racismo no Brasil, ou que vivemos em um país em que há uma democracia racial, vêm sendo desconstruídos continuamente através de pesquisas. (FERREIRA, 2009).

Há muitos meios que propagam, estabelecem e mantêm o preconceito como, por exemplo, as cantigas infantis muito cantadas nas escolas, figuras presentes em livros, principalmente a escola/livros didáticos que, ao contrário de evitar e orientar a favor do respeito ao negro, acabam estimulando e reforçando ainda mais, pois mostram sempre o negro em condições precárias, ocupando profissões desvalorizadas ou, ainda, relacionando a imagem do negro sempre ao escravo como mostra imagem abaixo<sup>2</sup>,

---

<sup>2</sup> Imagem apresentada pela profa. Dra. Aparecida de Jesus Ferreira, durante disciplina de Linguística Aplicada à Formação de Professores de Línguas



Fonte: Jornal Folha de São Paulo – Folhinha, sábado, 26/11/2005

A imagem acima mostra claramente o interesse em manter e estabelecer o preconceito. A forma cruel como esse preconceito é transmitido, uma vez que o objetivo dessa imagem é atingir o leitor e, neste caso, trata-se de leitores/ crianças, já que a imagem foi publicada do jornal Folha de São Paulo e faz parte do caderno Folhinha- destinada ao público infantil.

Todas as formas que estimulam o preconceito são inaceitáveis, entretanto essa imagem, por envolver crianças, é mais difícil ainda de aceitar, pois a criança desde cedo está sendo conduzida, moldada, ensinada a ver, por meio da linguagem e do contexto sócio-histórico, o outro como um ser amorfo, sem voz, sem identidade, sem cultura, sendo que o leitor, neste caso a criança, pode fazer uso dessa visão negativa sobre o negro, com ideologias e atitudes preconceituosas e, assim, vir a tornar-se um ser resistente ao negro, bem como à sua cultura. Em outras palavras, um indivíduo portador de preconceito étnico/ racial está sendo “ensinado”, por meio de imagens como essa, desde criança a ser racista, já que a identidade não é fixa, nem acabada, ao contrário disso, está em construção (HALL,2005). Assim, a identidade do negro tem sido estigmatizada e construída negativamente, levando-o a aceitar “pacificamente” sua condição de dominado e a de ser



rejeitado, a favor do domínio do branco. Já a identidade do branco tem sido construída com prestígio, ocupando, nesta hierarquia, o lugar do dominador, daquele que tem poder e prestígio, gerando as relações de poder e as desigualdades sociais como, por exemplo, o fato de poucos negros terem acesso à universidade e à profissão mais valorizada, ou seja, basta observar as universidades e se evidenciará que a maioria dos acadêmicos é branca.

Ao fazer uma leitura dessa imagem, percebo as informações que ela gera, dentre tantas: o não querer ser negro, pois todas as crianças presentes na imagem estão sorrindo, brincando, revelando-se culturalmente, exceto as crianças negras. A figura cruelmente apresenta as crianças negras, num trabalho escravo, enquanto as outras crianças fazem o que todas as crianças gostam de fazer, ou seja, brincar, cantar e se divertir. Ainda é possível fazer uma comparação e observar a maneira que elas estão vestidas, de um lado, as crianças brancas, bem vestidas, com roupas que revelam sua cultura e, do outro lado, as crianças negras, com roupas que remetem a escravidão, mostrando que a cultura dessas crianças é sem valor, sem prestígio, para que ninguém sinta o desejo de aprender mais sobre essa cultura e, sobretudo, a respeito do negro, afinal quem gostaria de se aproximar de um coleguinha que tem, conforme mostra a figura, uma cultura sem prestígio e, o mais triste, uma cultura que remete ao trabalho escravo. Essa figura gera a ideia negativa tanto para o branco como para o próprio negro, pois o negro, vendo-se retratado dessa maneira, irá esconder-se e esconder sua origem e tentar se afastar de tudo que lembra sua origem, já o branco, vendo essa imagem vai estabelecer seu juízo de valor e sua atitude preconceituosa em relação ao negro, pois qual criança irá querer se aproximar de colegas que são apresentados como alguém que não tem alegria, que faz um trabalho indigno para tal idade e para qualquer raça/etnia, um trabalho que devia ser realizado por animais (bois). Dessa maneira, estabelecem-se as relações de poder, as desigualdades e a estigmatização em relação ao negro.

Imagens como está faz parte de nossa sociedade, ou seja, elas estão presentes nos livros didáticos, nos anúncios publicitários, nas telenovelas e em nossas relações sociais em geral. Imagens como estas tem mantido, estabelecido e motivado, de maneira camuflada o preconceito étnico/racial que gera as desigualdades, a estigmatização e outros conflitos sociais.



Para confirmar essa ideia apresento, na seção a seguir, algumas imagens, nas quais estão representadas a imagem do negro e do branco.

### **Um olhar sobre alguns anúncios publicitários, sobre a escola e sobre algumas fotos que promovem e estabelecem o preconceito étnico/racial, em nossa sociedade**

Com essas imagens mostro que o contexto social pode construir identidades e discurso preconceituoso. Neste processo identitário, o branco aparece em destaque sobre o negro em situações que estabelecem regras sociais, as quais determinam, de um lado, quem são os excluídos, os marginalizados, os estigmatizados, os negros e, por outro, lado o dominador, o que tem prestígio, o que é aceito, o branco. Portanto estabelecem as relações de poder, conforme revela a imagem 1:



Imagem1: retirada do site <http://nacomagenciauuvv.blogspot.com.br/2011/11/benetton-e-suas-campanhas.html>, em 11/11/2013

Esta imagem, em um primeiro momento, transmite a ideia de união, de amor, de confraternização. Gera a impressão, que essa marca publicitária tem interesses em divulgar e apoiar a união de raça/etnia ou, em outras palavras, essa empresa deseja passar ao seu “cliente” várias informações, dentre elas, a de uma empresa “boazinha”, aquela que apoia



as causas sociais e que é a favor da diversidade étnica/racial. Entretanto, essa publicidade, ao contrário de promover a harmonia e a união, estabelece o conceito de que o branco é lindo, é angelical. A ideia exposta neste cartaz é cruel, pois mantém e estabelece várias ideias, sendo elas, i.a posição, na qual o branco se destaca sobre o negro, sendo que o negro está mais ao fundo, inferiorizado; ii. o branco transmite a paz, alegria, enquanto a imagem do negro revela o contrário da alegria, ou seja, medo, insegurança, tristeza; iii. há brilho/luz nos olhos da criança branca, enquanto a outra criança tem um olhar amorfo; iii. a criança branca está sorrindo, já a criança negra não sorri, mostra um semblante amorfo, sem vida; iv. os cabelos do branco foram arrumados para parecerem os cabelos de um anjo dos contos infantis, com seus cachinhos dourados e a imagem parece até ter movimento, enquanto o cabelo do negro foi arrumado para se assemelhar à figura do demônio, realmente uma imagem cruel, que estabelece relação de poder, desigualdade, estigmatização, preconceito, dentre outros.

Essa imagem é divulgada e poucos conseguem fazer essa leitura, a maioria aceita o primeiro conceito que descrevi no início desse parágrafo, ou seja, a ideia da união, da harmonia. No entanto, mesmo diante desse conceito, as pessoas, que têm acesso a essas imagens, vão estabelecendo em suas memórias um padrão social de rejeição ao negro, além disso, essas imagens, que são do nosso cotidiano social, vão se naturalizando, isto é, torna-se normal ver o negro como feio, mal, sem vida, amorfo, sem valor e o branco, o ser superior, de valor, de prestígio, justificando a presença do branco em vários setores valorizados em nossa sociedade em detrimento do negro, ou seja, mostrando porque a maioria de negros tem dificuldades de ascender lugares ocupados pela maioria branca. Em outras palavras, o negro vivencia o sofrimento da exclusão, principalmente, a exclusão escolar, lembrando que a escola é, dentre outros, espaço privilegiado para a formação identitária dos alunos (MOITA LOPES,2002) e, além disso, a base para o acesso à universidade, bem como à profissão de qualidade



Imagem 2: retirada do site <http://nacomagenciauvv.blogspot.com.br/2011/11/benetton-e-suas-campanhas.html>, em 11/11/2013

Mais uma vez, esse anúncio revela, em um primeiro olhar, a união e harmonia das raças, a ideia de igualdade, as três raças vivendo bem, sem nenhum tipo de problema, contudo, com um olhar mais detalhado, é possível ver a transmissão de conflitos identitários, quais sejam: a) esta imagem evidencia a desigualdade, pois o branco se destaca, ele está na frente e, neste caso, o branco é do gênero masculino, enquanto, o asiático e o negro são representados pelo gênero feminino, revelando a ideia de que o branco é mais forte, tem mais prestígio. Além disso, o negro está, visivelmente, atrás do branco e do asiático; b) os três estão mostrando a língua, porém o branco e o asiático mostram escancaradamente a língua, enquanto o negro mostra com menos empolgação, revelando que o branco e o asiático imperam diante do negro; c) os cabelos do branco e do asiático estão arrumados, penteados, o do negro, está desarrumado, dando a impressão de que esta criança está assustada, com medo, insegura, enquanto tanto do branco como do asiático revelam que essas crianças estão alegres, brincando, se divertindo.



Essas são algumas das muitas imagens que convivemos diariamente, que vão tornando, ao longo do tempo, a sociedade insensível ao negro.

No entanto, a propaganda, além de inferiorizar a figura do negro diante do branco, conforme mostrei acima, também inviabiliza o negro, pois é comum aparecerem nos anúncios comerciais imagens de brancos e muito raro aparecer a de negro, como apresenta a propaganda abaixo:



Imagem 3: retirada do site <http://www.portaldapropaganda.com/comunicacao/2009/01/0018>, em 11/11/2013

Além disso, na maioria das vezes, os negros são representados, tanto nas novelas como nos comerciais, por profissões desvalorizadas, dentre elas, doméstica, operário, carregador, empregado braçal, policial.

Além dos anúncios publicitários, a escola é outro espaço social que contribui para manter e estimular o preconceito racial e, para tanto, considerando que o ambiente escolar constitui-se um espaço privilegiado para a formação identitária dos alunos, pois “é na escola que em geral a criança se expõe, pela primeira vez, às diferenças que nos constituem





e que, portanto, representam as primeiras ameaças ao mundo da família” (MOITA LOPES, 2002, p. 16). Sendo assim, ao contrário de ser um lugar onde se encontram crianças e jovens, revelando-se culturalmente, e convivendo com a diversidade cultural. (BORSTEL, 2007, p.104) a escola torna-se um grande motivador de conflitos sociais. Em outras palavras, a escola “molda”, constrói a identidade dos sujeitos, levando-os a acreditarem e a perceberem o mundo como se fosse normal ver o negro sempre representado por figuras estereotipadas, que contribuem, ainda mais, para estigmatizar e inferiorizar do negro. Essa maneira de tornar normal o modo como o negro é representado como, por exemplo, colocar o negro sempre em posições inferiorizadas ao do branco, acaba fazendo os negros a compartilhar dessas crenças e atitudes e, o pior, levando-os a aceitação da submissão e da dominação e, desse modo, o processo passa a ser legitimado.

Basta ver os livros didáticos, que, ao contrário de promoverem a valorização dos diferentes segmentos étnico-raciais da sociedade brasileira, conforme orientam os editais do *Programa Nacional do Livro Didático*, tais livros promovem, sim, vários conflitos sociais, dentre eles, a hierarquia de brancos e negros, a estigmatização e, infelizmente, acentua ainda mais o preconceito (BAPTISTA DA SILVA, TEIXEIRA, PACIFICO, 2013)

Baptista da Silva, Teixeira, Pacifico (2013) mostram que os livros didáticos, numa tentativa de diminuir o preconceito étnico/racial, acabam estimulando ainda mais o preconceito e a estigmatização, pois raramente os negros são representados em posições sociais valorizadas, tais como, advogados, médicos, dentistas e outros. Essas profissões são geralmente ocupadas, nos livros didáticos, pelos brancos. Ao contrário disso, os negros são apresentados como escravos, pessoas humildes, empregados domésticos e pobres.

O livro didático contribui para o aumento e a manutenção do preconceito, pois mostra o negro em posições inferiores a do branco

Além disso, é comum ver nas escolas, onde há crianças brancas e negras, cartazes, nos quais destacam sempre o branco. Esses cartazes, bem como fotos, livros inviabilizam o negro, fazem parecer normal a ausência do negro em certos setores da sociedade e, por outro lado, fazem parecer normal a presença de negro em posições e lugares sem valor social. Tudo isso ocorre na escola e na sociedade em geral, fazendo as crianças a “aprenderem” desde pequenos que há lugar para negro e lugar para branco.



Outro segmento social que parece inviabilizar o negro é o mercado infantil, as lojas de brinquedos.

Abro agora um parêntesis para relatar um fato que aconteceu comigo e minha filha, fomos a uma loja da cidade a procura de uma boneca para minha filha e quando chegamos, na loja, deparamos com muitas, uma variedade de bonecas, conforme mostro nas figuras abaixo:



Imagem 3: retirada por Rejane Hauch Pinto Tristoni, em 10/10/1013

Por não encontrarmos o tal brinquedo, fomos a outras lojas da cidade, mas a procura foi em inútil, conforme apresento abaixo:



Imagem 4: retirada por Rejane Hauch Pinto Tristoni, em 10/10/1013





Imagem 5: retirada por Rejane Hauch Pinto Tristoni, em 10/10/1013

Chegamos a encontrar bonecas de várias cores e modelos, menos a boneca negra, conforme revelam as imagens abaixo:



Imagem 6: retirada por Rejane Hauch Pinto Tristoni, em 10/10/1013



Imagem 7: retirada por Rejane Hauch Pinto Tristoni, em 10/10/1013

Entretanto, observei que havia em uma das caixas de boneca a opção pelo modelo na cor negra, conforme a foto a seguir:



Imagem 8: retirada por Rejane Hauch Pinto Tristoni, em 10/10/1013

Observe que na caixa a boneca em destaque é a branca, a negra, aqui também, encontra-se um lugar inferior à branca. Essa imagem revela, mais uma vez, qual o lugar que o negro deve ocupar na sociedade, em outras palavras, sempre atrás do branco.

Contudo, ao vermos essa possibilidade de escolher, oferecida na caixa da boneca, procuramos os funcionários para perguntar onde estava aquela boneca estampada na caixa, eles disseram não ter a tal boneca e, ao dizer isso, revelaram suas crenças e atitudes preconceituosas em relação ao negro e, com isso fecho o parêntesis.

Diante disso, constato que a sociedade estabelece relações de poder, nas quais colocam o negro em posição de desprestígio ao lado do branco, promovendo uma hierarquia e desta hierarquia, surge o preconceito, a estigmatização e a ideia que se estabelece na mente tanto do negro como do branco é a de subordinação e dominação.

### Considerações finais



Percebo que, embora a sociedade tente mostrar que somos um país que convive e respeita as diferenças étnicas/raciais, essa ideia revela um mito que precisa ser desmitificado, pois essa crença baseada em harmonia, igualdade e respeito camufla e esconde sérios conflitos sociais, pois mascara e encobre o preconceito racial

Nada é inocente e por acaso: tanto os livros didáticos como os anúncios publicitários, de forma camuflada, revelam uma intenção, uma hierarquia e relação de poder, sendo este o desafio, pois nada é casual e tudo envolve uma sistematização que gera as desigualdades (ROSEMBERG, BAZILLI E SILVA (2003).

A consequência dessa hierarquia e dessa relação de poder, na qual vivem o negro e tantos outros sujeitos que são rejeitados por pertencerem a grupos étnicos/raciais diferentes, são as marcas sociais, depreciativas, pejorativas que acabam gerando a exclusão social. Tais marcas são definidas no ambiente social, ou seja, local no qual o indivíduo convive, neste caso a comunidade escolar e em nossa sociedade em geral. Em outras palavras, Goffmann (1963), explica que o estigma surge nas interações sociais, uma vez que “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (GOFFMANN, 1963, p. 11.

Os meios eficazes para manter e estabelecer os conflitos étnicos/raciais, neste caso, são os livros didáticos, o comércio infantil e os anúncios publicitários que servem para inferiorizar e categorizar negativamente o negro, enquanto o branco e sua cultura são enaltecidos e valorizados e isso ocorre em situações cotidianas, dentre elas, na escola e a sociedade em geral.

Um bom exemplo que representa essa desigualdade social causada pelo preconceito étnico/racial estabelecido por meios como os comentados neste artigo é a ausência do negro nas Universidades e, por conseguinte, encontrar o negro ocupando profissões que requer cursos universitários, dentre eles, medicina, direito, odontologia e outros. É raro ver representante negro nestes lugares, pois estes, pelo fato de terem sofrido preconceito e terem sido a vida toda, principalmente, durante a fase escolar, estigmatizados e rejeitados, acabam abandonando a escola e aceitando o lugar que o branco impôs a eles, ou seja, o de faxineiro, empregado braçal, etc. e, assim, observando os profissionais que ocupam tais espaços, evidencia-se a desigualdade social.



É preciso uma Linguística Aplicada transgressiva, conforme alerta Pennycook(2010), que mais pesquisadores se engajem e estudem, ou seja, ir além da proposta que verificar as questões de poder, desigualdade de diferenças. Mas sim, que mais pesquisadores olhem, contribuam e busquem auxílio em estudos da Ciências Sociais, da Antropologia e outras ciências, para serem mais sensíveis aos trabalhos que antes eram esquecidos, dentre eles, raça, etnia, cultura, identidade.

Não podemos admitir que, dentro de nossa sociedade, haja o silenciamento, o apagamento de culturas tidas como sem valor, sem prestígio, pois toda cultura, toda identidade tem seu valor histórico-social (SIGNORINI, 1998). Precisamos recorrer da Linguística Aplicada transgressiva para da voz e visibilidade ao outro.

Logo, concluo, como afirma Hall (2005), que a identidade está em constante transformação e mudança, por meio de momentos e de contextos como, por exemplo, as imagens selecionadas e a escola/livros didáticos, as quais constituem uma estrutura social possibilitando a formação do exterior e do interior do sujeito, de maneira camuflada, indireta e disfarçada, são difundidas, no decorrer do tempo, em nossa sociedade e se instalam em nossa história de vida e se naturalizam, à medida que vai nos moldando e construindo nossa identidade, motivando e estabelecendo o preconceito étnico/racial em favor do branco e em detrimento do negro e, além disso, tem gerado a ideia que a cultura e a língua do outro é amorfa, sem valor, sem prestígio, estabelecendo, ainda, as relações de poder, as quais são eficazes para determinar quem é, nessa hierarquia, o explorador, o dominador, o pertencente a grupos de prestígio e quem são os explorados, os dominados, os rejeitados e sem prestígio. Portanto, esses conflitos sociais sinalizam relações de poder e de domínio econômico e cultural, dentre outras, sendo que o problema

é saber como e por que os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer “nós”, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como “eles” (Elias e Scotson, 2000, p.38).

Diante disso, como professora/pesquisadora não posso deixar de mencionar que a Escola apresenta um papel importante para evitar e minimizar conflitos identitários e, para isso, FERREIRA (2009) explica que “as experiências racistas permeiam as escolas de uma





forma implícita e explícita e, por essa razão, precisam ser desafiadas”. Entretanto, mesmo ciente da necessidade de uma Educação voltada para todos os tipos de diversidades e contra todo ensino que gera rejeição, preconceito e estigmatização, a grande maioria dos cursos de magistério e de licenciaturas, forma, ainda, professores para trabalhar com o falante nativo ideal em uma comunidade homogênea, sem conflitos ou problemas de qualquer espécie, ou seja, forma professores distante da realidade do Brasil plurilíngue e multicultural ou, como muito bem alerta Cavalcanti (1999), a escola parece conseguir ficar distante do contexto sócio-histórico e “sobreviver” e, portanto, se esquece que a diversidade linguística e cultural precisa ser parte da sala de aula, das comunidades envolventes, dos cursos de formação, pois, embora haja propostas de uma “escola para todos”, esta proposta não se sustenta em situações de conflitos identitários, conforme aponta Pereira (2001).

## Referências

Baptista da Silva, Paulo Vinicius, Teixeira, Rozana, Pacifico, Tânia Mara. *Políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros didáticos Educação e Pesquisa* [On-line] 2013, 39 (Enero-Marzo) :Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=29825618009>>ISSN 1517-9702, 12/11/2013.

CAVALCANTI, Marilda C.. *Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. DELTA*. 1999, vol.15, p. 385-417

FERREIRA, Aparecida de Jesus. *Educação Antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. Revista Educação Pública, Cuiabá. Vol.21. n.46, p.275-288, maio-ago, 2012.*

FERREIRA, Aparecida de Jesus. *Histórias de Professores de Línguas e Experiências com o racismo: Uma Reflexão para a Formação de Professores. Espéculo Revista de Estudios Literarios. Universidad Complutense de Madrid, no 42, julio-octubre. 2009. Revista Digital Cuatrimestral.*

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. *As relações cotidianas e a construção da identidade negra. Psicol. cienc. prof.* [online]. 2011, vol.31, n.2, pp. 374-389. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932011000200013>.

MOITA LOPES, Luiz Pablo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado das Letras, 2002.*



MOITA LOPES, Luiz Pablo da. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

PENNYCOOK, Alastair. *Critical and alternative directions in applied linguistics. Australian Review of Applied Linguistics*. 2010, 16.1-16.16

PEREIRA, Maria Ceres. *(Re)aprendendo Português*. Cadernos do IL (ISSN 010418-86) nº 21 do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2001.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Márcia B. de Mello L. Nunes. Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan, 1988.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira L. Louro. 10 ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2005.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. *Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. Educ. Pesqui.* [online]. 2003, vol.29, n.1, pp. 125-146. ISSN 1517-9702.

SIGNORINI, Inês. (Org) *Lingua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras. 1998.

Von BORSTEL, Clarice. Nadir. *Traços de línguas em contato: uma prática para o cotidiano de sala de aula*. In: Anais da 10ª JELL - Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários – Curso de Letras Unioeste/Mal. Cândido Rondon, v. 1, p. 101-111, 2007